Capítulo VI — Os Anjos e a Queda

Depois de assistir à criação do homem, ver sua glória, seu poder, sua felicidade, sua realeza primitiva, admirar o laço tão sublime e tão doce que o une a Deus, seguimo-lo ao Paraíso terrestre: com ele gozamos desse delicioso lugar. Ali ouvimos o Criador indicar a seu nobre vassalo a fácil homenagem que dele exige em testemunho de seu amor: Todas as criaturas estão submetidas ao teu império, diz-lhe, tudo o que vês é teu. Apenas te absterás de comer do fruto da árvore da ciência do bem e do mal[1].

Será demais?

Nossos primeiros pais, que se sentiam cheios de coragem e penetrados de reconhecimento, provavelmente só viram na lei de abster-se de um único fruto uma leve prova de sua virtude. Ai!, não sabiam a que tentação sua fidelidade seria em breve exposta.

Deus, cujo poder é infinito e cuja sabedoria se divertiu na criação do universo, tirara do nada várias espécies de criaturas: umas visíveis e puramente materiais, como a terra, a água, os minerais e as plantas; outras, ao mesmo tempo visíveis e invisíveis, materiais e espirituais, os homens; outras, enfim, invisíveis e puramente espirituais, os anjos.

Assim, não há solução de continuidade na natureza; nenhuma ruptura na magnífica cadeia dos seres. Todos os elos se prendem, encadeando-se uns aos outros por relações cada vez mais perfeitas; de modo que, chegada ao homem, essa cadeia ofusca com os raios de sua glória a nossa frágil razão. Mas eis que essa cadeia da criação não termina no homem: ele nem sequer é o seu elo mais brilhante. Se vê abaixo de si miríades de criaturas menos perfeitas, acima de sua cabeça aparecem milhões de outras mais perfeitas que ele. Entre estas há diversos graus de perfeição, conforme se aproximam mais do oceano de toda perfeição.

Ali, nesse universo superior ao nosso, cuja existência o próprio paganismo reconheceu e cuja extensão é talvez, para o mundo visível, o que o sol é para um grão de areia, brilham, como astros resplandecentes, as Hierarquias celestes. Ali irradiam por todos os lados os Coros angélicos. No centro dessas augustas esferas resplandece o Sol de Justiça, o Oriente do alto, de quem todos os astros e todos os seres tomam a vida, a luz e o esplendor. Inteligências celestes, aniquilai-vos na presença do Eterno; vossa existência é por ele; o Eterno é por si mesmo: Ele é Aquele que É. Só ele possui a plenitude do Ser, e vós dele possuís apenas a sombra. Vossas perfeições são regatos: o Ser infinitamente perfeito é um oceano, um abismo em que o querubim não ousa olhar.

Tal é o mundo angélico.

Ora, não mais que o homem, os anjos não foram criados impecáveis. Antes de confirmá-los na graça, Deus os submeteu a uma prova. Segundo graves teólogos, Deus lhes deu a conhecer o mistério da encarnação de seu Filho e a obrigação de adorar um Homem-Deus: a milhões deles essa adoração pareceu uma humilhação insuportável. Indignados de que o Verbo eterno não houvesse tomado, para uni-la à sua, a natureza angélica, revoltaram-se contra Deus[2].

Tão logo culpados quanto castigados, todos os revoltados são precipitados no abismo e transformados em demônios. Ciumentos em excesso da glória e da felicidade do homem, conservando aliás um poder cujos limites desconhecidos superam em muito as forças naturais das criações inferiores, esses espíritos malditos empenham-se em tornar o homem culpado, para fazer dele o companheiro de sua desgraça. A existência, as velhacarias, as violências, o ódio implacável que têm à raça humana estão escritos em todas as páginas da história sagrada e sobretudo da história profana.

Chegamos à catástrofe pavorosa cuja lembrança é ao mesmo tempo tão profunda e tão universal que se a reencontra, diz Voltaire, à frente das teologias de todos os povos.

O homem caiu!!!

Para sabê-lo não preciso recorrer a provas estranhas. O gênero humano não é, para si mesmo, a prova viva de sua degradação? Que é, peço-vos, essa inexplicável mistura de grandeza e de baixeza, de virtudes e de vícios, de aspirações sublimes e de instintos ignóbeis que se manifestam em nós desde a infância? Quem são esses dois homens inimigos que trazemos em nós mesmos e que fazem de nossa vida uma guerra contínua? Que é tudo isso, senão a prova de que o homem nasce degradado? Ora, o homem só é degradado porque decaiu; só decaiu porque foi punido; só foi punido porque é culpado; só é culpado porque é mau; só é mau porque deixou de ser o que era ao sair das mãos de Deus, o qual, sendo infinitamente bom, não pôde criar nenhum ser mau ou vicioso.

Raciocinemos assim sobre a transmissão do pecado original a toda a raça humana. Dado Deus, fica evidente que a transmissão do pecado original não é contrária nem a uma bondade infinita, nem a uma justiça infinita, nem a uma santidade infinita. Que mais queremos? Nada temamos: Deus nunca fez, jamais fará injustiça a ninguém.

Vítima dos maus anjos, o homem não foi deixado sem defesa. Para ajudá-lo a sustentar a luta, Deus lhe deu as legiões de anjos que permaneceram fiéis. As criaturas que nos cercam, os lugares que frequentamos, nossa infância e nossa juventude, nossa vida e nossa morte, nosso berço e nosso túmulo estão confiados à sua guarda.

Em vez de caminhar tranquilamente para sua pátria eterna, o homem doravante só a alcançará de armas na mão. Ó homem, compreende teu destino! Que o véu espesso que te oculta o mundo

invisível se levante a teus olhos: que espetáculo! À tua esquerda, milhares de anjos revoltados, rondando-te como rebanhos de leões rugidores, noite e dia semeando armadilhas sob teus passos, esgotando suas forças temíveis e seu gênio infernal para atrair-te a suas bandeiras; à tua direita, inumeráveis legiões de anjos tutelares, sem cessar de armas na mão para proteger-te; acima de tua cabeça, o Eterno, sentado em seu trono, espectador da luta, numa mão apresentando-te a coroa, na outra oferecendo-te seu apoio: e tu mesmo, ponderando a teu gosto as probabilidades do combate e permanecendo árbitro da derrota ou da vitória. Ó homem! Ser sublime! compreende as condições solenes de tua existência e mede, se puderes, a grandeza de tua dignidade[3].

Notas

[1] Gn 2.

[2] Billuard, t. III, 473; Suarez, liv. V, de Angelis, t. VI; Sylvius, art. 5, q. LVII, part. 1; in S. Thom.

[3] O homo, tantum nomen si intelligas te. — Tact., Apol. c. LVIII.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:08 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:08 by Admin